

A HIPERATIVIDADE DO PROFESSOR BOMBRIL

Rafael Alcadiyani*

São Paulo, segunda-feira, sete horas da manhã. Pulo da cama. Calça, camisa e sapato. O dia começa. Oito horas, primeira sala de aula. Introdução à administração. Alunos de dependência refazem o curso com “contagante” entusiasmo. Taylor, padronização, *homus-economicus*. Tempos Modernos. Trabalho de estatística e leitura de controle de custos que preciso fazer para a pós (será que vai dar tempo?). Fim de aula. O tempo passa. É meio dia, já foram as três turmas da manhã. Será que vai dar para acabar o trabalho de estatística? Almoço por peso. “E aí professor, sua matéria reprova?”. “Professor, além de dar aula você também trabalha?” Metamorfose: aula da pós-graduação (não fiz a leitura prévia), o professor vira aluno. O tema interessa, a discussão também. O tempo voa. Fim de aula, é preciso correr, o aluno precisa virar professor novamente. Dia típico, comentários típicos, aulas típicas, livros típicos. Simples cotidiano da grande maioria dos alunos de mestrado e doutorado em administração de nosso país: de um lado para o outro, de uma sala de aula para outra, de transparência para transparência. Os papéis invertem-se, transformam-se. O dia acaba. Amanhã, cotidiano “*todo dia ela faz tudo sempre igual...*”.

Nos diferentes bairros das metrópoles, nas diferentes cidades do interior, a cada dia que passa uma nova escola de gestão surge, oferecendo educação para quem puder pagar, mesmo que custe suas parcas economias. A proliferação das faculdades e universidades encontra, de um lado, uma massa de pessoas dispostas a pagar o que têm e o que não têm para adquirir o diploma; de outro, os professores. Homens e mulheres que, em geral, cultivam o sonho do conhecimento, da vontade da aprendizagem e do ensino. Pessoas que esperam com as suas práticas, não interessam quais sejam, fazer um mundo diferente. Ao menos, esse é o sonho quando começamos o mestrado, primeiro passo daquilo que deveria ser uma profissão diferente. Entre os sonhos dos alunos e dos professores estão as escolas, mais reais e concretas do que nunca.

Em muitos casos, essas instituições privadas, que infestam o Brasil, estão ávidas por prover o ensino de todas as formas, por todos os meios, com o simples motivo: faturar. Os alunos que viram professores caem como uma luva: mão-de-obra barata, dedicada, que faz milagre com as condições que possui para tentar ensinar e que insiste em levar as coisas a sério. Por outro lado, as faculdades particulares são a verdadeira salvação para os que precisam de trabalho para poder fazer um curso de pós-graduação, pois o financiamento público é ultra-restrito e quase nenhuma faculdade de gestão do país consegue financiar seus alunos de pós-graduação para estudarem. Assim, os cursos de mestrado e doutorado desempenham um papel fundamental nessa ‘roda da fortuna’ (ou será Roda Viva?). Fazemos como os médicos que aprendem errando ao atender a senzala, e quando bem formados e já experientes erram muito menos, e, assim, passam a ter as credenciais para tratar da Casa Grande. A mesma história de sempre, há 500 anos. E mais, os professores precisam de orientandos (orientandos valem ponto na gincana da academia), os alunos precisam do título e da aprendizagem. Quanto mais, melhor. O ciclo se fecha mais uma vez.

* Prof. EAESP/FGV

Quarta-Feira. Cinco horas da tarde, Marginal do Tietê, uma hora e quinze na estrada, cidade do interior, faculdade aberta há dois anos, curso para executivos, ou quase. Pessoas, trabalhadores do comércio e da indústria, investem todas as economias em busca de uma esperança: o sonhado diploma, um diploma que provavelmente não mudará as suas vidas. "Boa noite pessoal, vamos começar?" As horas passam. Muitos olhares, nenhuma pergunta. Será que alguém está entendendo? Será que meu exemplo faz sentido? Será que eu sei o que eu estou falando? Muitos bocejos, olhos vermelhos, todos parecem exaustos. De repente, a mão levantada e a fulminante pergunta - "professor, o livro que você indicou é muito caro, precisa mesmo ler para o curso?" e eu penso - o que é que eu respondo agora? A aula termina. Inexperiência, medo, aflição e insegurança, sentimentos usuais dos que estão começando um sacerdócio. Carro, estrada, casa. Quem não se lembra do primeiro curso, da primeira turma, da primeira aula, do primeiro salário? E aqui mais uma pausa: o valor da hora-aula. A hora média paga aos professores no estado de São Paulo é R\$ 27, de acordo com o Sindicato dos Professores de São Paulo. Ao invés de dedicação exclusiva para fazer a pós-graduação *stricto sensu*, a necessidade de sustentar-se faz com que os alunos da pós se transformem em verdadeiros taxistas. Devido ao baixíssimo valor da bandeirada precisam andar dia após dia, noite após noite em busca de horas-aula por todos os cantos, torcendo para achar mais uma faculdade de esquina. Horas que deveriam ser dedicadas ao estudo, à aprendizagem e ao desenvolvimento são vendidas nas faculdades Mc Donald's. Sem elas, seria impossível cobrir os custos de se fazer pós-graduação. Outros fazem consultoria, ou o que podem, para transformar o sonho em realidade. O sacerdócio se transforma em biscate, as preciosas horas das discussões acadêmicas e das leituras são trocadas no mercantilismo da desilusão. Quem consegue dedicar-se aos estudos? Qual é o tipo de formação que podemos ter para nós mesmos? Quem consegue ler o que deveria ser lido? Quem consegue estudar o que deveria estudar? Quem tem tempo para escrever e re-escrever, ler e reler o que fez? Quem tem tempo para escrever uma dissertação, fazer uma tese, como deveria ser feita?

Não quero dizer que devemos viver dentro de uma redoma, longe das empresas, tendo a atenção voltada somente para a leitura e para o flunar acadêmico. Porém, formação em pesquisa requer tempo para pensar, ler, refletir, ainda mais quando estamos realizando a nossa formação.

O tempo passa, o primeiro título chega, artigos são publicados, a experiência é adquirida. A metamorfose do mestrando-professor continua cada vez mais rápida nas aulas dos cursos de graduação, nos cursos para executivo, nas horas de consultoria, na redação de artigos acadêmicos, na análise de projetos de pesquisa. Agora, estudante-professor-consultor-pesquisador. "O que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?" Talvez, mais um típico hiperativo professor "bombril", de sala de aula para sala de aula, de cidade para cidade, de projeto de consultoria para projeto de consultoria, de artigo para artigo, de congresso para congresso, tudo ao mesmo tempo, na mesma semana. O tempo parece fugir. Não é por acaso que tantos reclamam da qualidade da produção acadêmica nacional. Quem não tem tempo para apreender a pesquisa, não pode ser um bom pesquisador. Quem não tem condições de trabalho, não pode querer comparar-se a quem tem. Muitos conclamam a internacionalização da academia brasileira como se fosse uma mera questão de vontade. Diferentemente dos países tidos como centrais onde ser professor-pesquisador é ter uma carreira e profissão, em nosso país ser professor-pesquisador é uma raridade. Todos aqueles que conseguem publicar um artigo ou participar de um congresso importante passou por desafios e superou dificuldades gigantescas.

Apesar de depoimento, ousou dizer que esta não foi somente a minha experiência. Esta é a experiência de muitos amigos e colegas espalhados pelos diferentes cursos de pós-graduação em todo o Brasil. Ouso generalizar ainda mais: este é só o começo. Conforme o tempo passa, a carreira se desenvolve, a aceleração aumenta. Reputação é sinônimo de mais trabalho, mais convites e, evidente-

mente, mais dinheiro. Mais metamorfoses, mais reuniões, mais comitês, mais aulas, mais cursos, mais consultorias, mais orientandos, mais alunos, mais pesquisas, mais congressos, mais artigos, mais revistas, mais projetos, menos vida. Tudo tem de ser feito, toda oportunidade deve ser explorada, todo caminho deve ser trilhado (quem sabe o dia de amanhã?). Na academia Mc Donald's o que vale são os quilos de publicação (quem lê o que escrevemos? O que fazemos é relevante para quem?), as horas de consultoria e a quantidade de cursos para executivos. De um jeito ou de outro, somos professores "bombril", fazemos de tudo um pouco, de nada muito.